

A Política do Sintoma II[♦]

Sobredeterminações

Marcus André Vieira

Índice

[Introdução: a liberdade negativa](#)

[Sintoma e Signo](#)

[Nó de Significação ou Sobredeterminação \(Überdeterminierung\)](#)

[Amor, verdade e gozo](#)

[Sintoma montagem](#)

[Descontinuidades do Sintoma](#)

Alguns temas

[Armário e cama](#); [A biologização do inconsciente](#); [Denque](#); [Fala](#); [gozo](#); [Loucura](#); [Orkut](#); [Pai](#); [Política](#); [Pulsões](#); [A realidade sexual](#); [Signo do fogo](#); [O umbigo do sonho](#); [A dimensão da verdade](#); [Um ritual](#)

[♦] Segunda Aula do Curso Sintoma e Invenção da EPB-Rio realizado no Instituto Philippe Pinel nos dias 3 de abril de 2008. Texto e notas estabelecidas por Leandro Reis (revisadas pelo autor).

Introdução: a liberdade negativa

Por que vale a pena para a psicanálise e para saúde mental falar em sintoma?

Remeto vocês a nosso primeiro encontro, que tornou-se um texto **Dez pontos para uma política do sintoma**.¹ Ele retoma e sintetiza todo o percurso previsto para estes nossos encontros. Pretendo desdobrar suas idéias. Elas constituem um quase manifesto, argumentos em favor do trabalho a que nos propomos aqui: pensar o trabalho psicanalítico com o sintoma. Falam principalmente do motivo de ainda ocupar-se do sintoma.

Resumidamente, nossa "política" é uma proposta de trabalho. Um plano para avaliar o quanto é possível para a psicanálise apoiar-se no que ela tem de mais concreto, o sintoma, para se fazer presente em um mundo que tem tolerância zero para com os não-seres. Quando se professa: "o que não aparece, desaparece", quando isto é uma constatação concreta e evidente, estamos em um ambiente que não dá lugar a seres negativos. É muito diferente do que dizer "o que não aparece, pode aparecer e surpreender" ou ainda "o que não aparece, comanda". Muitas variações seriam possíveis para materializar um ser negativo por trás do visível, seja ele do bem ou do mal. Naquela primeira, só há ser, não há nem a hipótese do não-ser. Permito-me citar um dos parágrafos do anexo:

O analista tem que ser da panela? Até certo ponto sim. Ele precisa partilhar dos sentidos do que ouve. A psicanálise, porém, não abre mão de alguma universalidade. Foi o que fez com que Freud insistisse em buscasse um lugar na ciência para a prática que inventou. Exatamente por isso, porém, a psicanálise sofre os efeitos da fragmentação contemporânea. É que ela sempre contou com universais negativos, *não-seres*, até certo ponto impensáveis sem os seres a que se referem. O inconsciente, por exemplo, é definido por Freud como um espaço "entre" os órgãos e até mesmo a metáfora da arqueologia, tantas vezes utilizada, remete a não-seres, a um passado por reconstruir. Lacan, por sua vez, é ainda mais decidido no uso do negativo. Define o inconsciente como algo "não realizado" e insiste em termos como "hiância" e "falta". A leveza da falta é tributária, porém, de uma solidez que lhe dê lastro. Nosso sujeito evanescente não existe sem um ego que lhe dê morada em suas frestas, e assim por diante. Na dificuldade generalizada de contar com os precários que sempre sustentaram a psicanálise o sintoma ganha importância toda especial por ser, sempre, um ser. Um sintoma, por definição, é reconhecido pelo Outro. Ele é um "dado", elemento da realidade social compartilhada. Desta forma, promover, nosso modo específico de tratamento do sintoma pode ser uma maneira de preservar o lugar da psicanálise no Outro contemporâneo.²

Dada esta constatação, do desaparecimento progressivo da negatividade como um valor, a psicanálise encontra uma dificuldade. É difícil propormos uma política, uma ação macro, apoiada em não-seres e eles costumam ser os entes queridos da psicanálise, tal como o inconsciente ou ainda o sujeito. Fica cada vez mais difícil transmitir o que é a psicanálise apoiando-nos nestes entes. Não quero dizer que nossas **grandezas negativas**, como definimos boa parte de nossos conceitos não valham ou que não contem mais nada, mas

apenas que se nos apoiamos no sintoma teremos um modo de acesso à psicanálise mais compatível com nossos dias.

Lacan define o sintoma como um fato, o “dado fundamental da experiência analítica”³. Essa será nossa forma de partirmos do sintoma, ou seja, tomando-o como fato. É exatamente por isso que podemos com ele propor um quase programa político. A psicanálise pode propor ao campo da saúde mental seu modo próprio de trabalho com o sintoma. Novamente uma auto-citação:

Algo análogo acontece no campo da saúde mental que também lida com o não-ser da desrazão. Quando o manicômio, sólido contraponto para o universal negativo da loucura, desaparece, tudo fica mais complicado. É preciso construir novas noções como a “reabilitação psicossocial”, por exemplo, que em muitos aspectos ainda se sustenta na luta “anti” alguma coisa. Não foi à toa que a propósito da loucura Lacan apoiou-se no oxímoro kantiano “grandeza negativa”. A inacreditável extensão da ciência, porém, aliada ao capital, sustenta a crença em um “*tudo é possível*” generalizado. De fato, quem ousa hoje dizer que a ciência jamais poderá tal e tal coisa? Ora, se tudo é possível, nada, em si, não é, tudo pode talvez ser. É exatamente o que, seguindo-se a fórmula de Koyré, tende a eliminar os não-seres. Donde o mote contemporâneo: “o que não aparece, desaparece” que professa a eliminação entre nós do poder dos universais negativos. Neste contexto, o sintoma psicótico tem muito a nos ensinar. Diante de um Outro que tudo pode, o delírio, por exemplo, é a manobra subjetiva que vem, por meio de sua figuração imaginária, dar a este Outro um lugar mais ou menos fixo e que garante ao sujeito uma brecha, um espaço para respirar.⁴

Isso é diferente de se oferecer como um modo mais dedicado ou consistente de atenção ao sujeito que sofre. O sujeito que sofre merece toda atenção, mas a psicanálise não poderia se propor como especialista do sujeito, pois, das duas uma: Ou bem **sujeito** é sinônimo de “ser humano em sua particularidade e necessidades próprias” e para isso todos deveriam concorrer - não vejo porque o psicanalista seria o especialista do humano, isso seria desmerecer a tantos outros inteiramente dedicados ao sujeito neste sentido. Ou bem *sujeito* quer dizer um conceito específico da psicanálise, da psicanálise lacaniana; e neste contexto o termo corresponde ao mais singular do mais singular em mim e que por isso mesmo é um vazio, sem definição, pois é sempre aquilo que não consigo dizer de mim, já que tudo o que posso nomear recebi do Outro. Neste segundo caso, propor uma política do sujeito, nas condições atuais de desprestígio dos seres negativos, é ver seu sentido conceitual afastado, perdido, tomado sempre como sinônimo de ser humano e se ver inevitavelmente tragado por preocupações humanistas importantíssimas, mas que afastam de cena o modo próprio da psicanálise.

Por isso a ambição dos nossos encontros será colocar-se a questão: É possível pensar uma política da psicanálise em termos macro - ainda que a política básica da psicanálise continue sendo no micro, no um a um? Para que ela possa estar neste plano, precisaremos do sintoma. Não estou tirando isso de minha cartola. É o caminho proposto por toda uma comunidade conhecida como Campo Freudiano que, em termos institucionais, define-se como

Associação Mundial de Psicanálise. Para ter uma idéia do que seria essa política do sintoma como, por exemplo, política editorial, leiam a revista *Mental*, publicação de uma das Escolas da AMP.⁵

Quero acrescentar ao dossiê dos seres negativos abordados em nosso primeiro encontro uma referência de Lacan na qual ele fala da loucura como "**liberdade negativa**". Não é algo que entendamos facilmente. Ele diz: "Na loucura, seja qual for sua natureza, convém reconhecemos a liberdade negativa de uma fala que renunciou se fazer reconhecer".⁶ "Liberdade negativa" nos remete ao que dissemos sobre os não-seres. "Seja qual for sua natureza" vale para que não possamos fazer da causa da loucura sua essência. Seria uma maneira de positivá-la, como fazem os cientistas: "o que é a loucura? uma disfunção cerebral causada pelo excesso de dopamina do circuito neuronal nigro-estriatal". Afora o tecnicismo, essa afirmação diz: a loucura tem essência positiva, que a ciência consegue localizar e manusear. Conversa. Melhor ficar com a idéia de uma essência negativa. É bem verdade que somos irresistivelmente atraídos pela idéia de pensar a loucura como algo positivo. Que o seja, que ela seja uma espécie de liberdade, mas que esta liberdade seja uma liberdade negativa.

Para demonstrar o que seria esse negativo Lacan prossegue: "A diferença entre um príncipe que se acredita príncipe e um louco que se acredita príncipe é que o louco é um príncipe negativo". Avançamos muito, pois demos ao louco um lugar no mundo sem transformá-lo em dopaminérgico excessivo, ou bipolar, ou ciclador rápido, ou ulceroso, etc. No entanto, ganhamos o mesmo problema atual da psicanálise, pois para se definir a essência do louco será preciso definir o que faz a essência do príncipe e a cada dia é mais difícil encontrar definições universais, que dêem a essência do que quer que seja. Toda essência hoje é propriedade da ciência. Só ela é tida como podendo dizer o que é alguma coisa em si. O resto é tido como relativo, secundário, apenas falação, etc. Isso é para que vejamos que a dificuldade em propor positivamente algo que é feito de negatividade não é só da psicanálise, mas também a da loucura ou de quem trabalha com a loucura.

Ganhamos muito mantendo a proximidade da psicanálise com a loucura. Loucura, no sentido de algo inerente ao humano e que eventualmente pode se transformar naquilo que chamamos de esquizofrenia. A **loucura** não é algo que só ocorre com esquizofrênicos, ela faz parte do humano, mesmo que em seu aspecto eventualmente negativo. Aqueles que chamamos esquizofrênicos estão mergulhados nela sem maneira de voltar, ou indo e voltando sem controle. Colocando as coisas assim, cria-se uma relação entre nós, cidadãos comuns, e o louco, que é essencial preservar. Isso posto, apesar de darmos um lugar para a loucura no humano e não apenas no adoecer humano, estamos longe da idéia romântica de que somos todos loucos ou de que o louco seria o que em nós há de mais livre e mais genial. Ela, a loucura, é o negativo de nossa liberdade. Tudo isso e apenas isso.

Sintoma e Signo

"O Símbolo e sua função Religiosa" é nosso ponto de partida hoje.⁷ Este texto, na verdade uma conferência, é excelente por fazer parte de um conjunto de falas em que Lacan se endereça àqueles que não estão por dentro da

psicanálise. É interessante buscar essa bibliografia de Lacan dos anos 50. Ou seja, um pouco antes do próprio lacanismo, porque ali há um diálogo com pessoas que não têm em mente, nem remotamente, os conceitos que ele passará os próximos anos criando e solidificando. São conferências pré-lacanianas. De um tempo em que o próprio Lacan ainda não tinha se tornado Lacan, ou então de quando ele foi muito além do círculo que havia criado em torno de si e que têm sido reunidas por Jacques Alain Miller em uma nova coleção chamada "paradoxos de Lacan".

Essa é um diálogo com pessoas que tem noção do poder da palavra e também a idéia de seres negativos, de alguma forma de transcendência, mas em quem ele não supõe mais nada. É dessa conferência que pensei em importar a diferença entre signo e sintoma, que será retomada de diversas formas em outras circunstâncias por ele mesmo, a partir, por exemplo, de sua teoria do significante. Nos valeremos dessa por se tratar de uma definição que só supõe um mínimo de boa vontade do ouvinte.

O **signo** é uma resposta, dirá Lacan, pelo menos no sentido da medicina. Um corpo, por exemplo, produz vários signos, que dizem alguma coisa, que informam ao clínico o que vai mal e o que vai bem. Ele lembra, porém, que esse signo me responde desde que eu saiba perguntar e isso é um elemento menos evidente, apesar de importante para que continuemos. Um corpo só produz signos para um leitor que esteja formado nessa leitura é isso que queremos dizer com "ele já fez a pergunta antes". Isso é um resumo veloz de Foucault.⁸ A clínica é feita de um certo modo de olhar, mas é preciso lembrar que há uma grade de leitura que constituiu esse olhar. Nos termos de Lacan nessa conferência, que também é pré-Foucault, com o signo o médico tira o coelho da cartola, mas alguém o colocou ali.

Para dar um pouco mais de amplitude a isso podemos sair da experiência médica e usar aquele clássico: "**onde há fumaça há fogo**". A fumaça é o signo do fogo, certo. Mas não esqueçamos, como dirá Lacan mais tarde resgatando todo o esforço de Foucault, que o signo fumaça é indicação de fogo se você estiver dentro dessa linguagem. Isso destaca que a relação, por mais que resistamos a isso (filhos que somos da cultura mais metida a objetivante que já houve) não é da natureza, mas depende do homem. Um animal tem outros meios de saber que há fogo e de todo modo ele não fica pensando "onde há fumaça há fogo" bateu o cheiro ele foge, só. O homem é que depende da relação construída entre fumaça e fogo, de retomá-la a cada vez para si, para fugir. É por isso que Lacan lembra que quando se chega numa ilha, por exemplo, e se avista fumaça, não se pensa em fogo, mas sim no fato de que deve haver alguém na ilha. Resumindo isso em um curto-circuito excelente afirma: "a fumaça é signo do fogo mas muito mais signo do fumante" querendo dizer que o signo não pode ser pensado sem o homem.⁹

É exatamente a esse signo que Lacan vai contrapor o sintoma. Uma vez percebido que o signo depende de uma grade de leitura, agora é preciso entender que a grade de leitura do signo é homogênea à realidade. Entendamos aqui **realidade** como a dimensão dos seres do mundo, das coisas que estão aí, sobre as quais não se discute. A experiência clínica de leitura dos signos na medicina é uma experiência que se passa na realidade porque a grade de leitura dos signos é consoante com a grade de leitura de nossa

realidade quotidiana, uma realidade construída em cima de signos objetivados, o que é muito diferente, como vimos no encontro anterior, da grade de leitura de Paracelso. Por isso o signo parece tão natural e por isso é preciso todo o esforço histórico-arqueológico de Foucault para denunciar essa naturalidade, para vermos que essa relação é construída.

A idéia da construção é importante porque ela dá um lugar válido a outras construções e a outros tipos de realidades, a outras dimensões da experiência. A realidade médica é a realidade "normal", já a experiência analítica é algo que não se passa na realidade, ou então, em uma realidade menos normal, menos corriqueira, embora faça também parte da experiência humana. Se não tivermos isso em mente vamos perder a psicanálise. Com efeito, a experiência psicanalítica não acontece na realidade e se quisermos julgá-la usando a realidade vamos ter que trazê-la para a realidade e perder sua especificidade. Ela se tornará uma terapia de adaptação entre outras. Então a definiremos em ruptura com a realidade conseqüentemente em ruptura com todas as definições objetivas sobre o que é o sintoma na psicanálise.

Apesar de não ser na realidade habitual, o sintoma é acessível. Para dar uma idéia do que seria isso, Lacan opõe o signo como uma resposta na realidade ao sintoma como uma questão na **dimensão da verdade**. "O sintoma é verdade", ele afirma.¹⁰ A experiência da psicanálise é algo que se passa na dimensão da verdade.

O que é essa dimensão da verdade? Um sentimento de verdade, de certeza ou ainda esse sentimento de que aqui tem alguma coisa. Não entendamos isso como adequação das coisas aos fatos, nessa definição clássica da verdade os signos têm muita verdade, pois eles exprimem exatamente a relação estabelecida dentro da realidade entre fatos e coisas. Vamos recorrer a uma situação bem atual para distinguir melhor. A dimensão da verdade não vai ter nada a ver com a constatação diagnóstica de um caso de dengue, que é uma verdade. A dimensão da verdade a que se refere Lacan teria muito mais a ver com a certeza de que a dengue mata e que por isso o pernilongo que passa diante de mim mata e que por isso estou correndo risco de vida diante dele. Isso tem levado a situações as mais absurdas com um pânico que não é o da lógica dos fatos. A dimensão da verdade contamina a experiência quotidiana muitas vezes e sobrepuja a verdade factual. As pessoas estão em pânico individual por conta disso enquanto o pânico deveria ser coletivo, já que os signos de uma epidemia são evidentes, mas não o de uma mortalidade em massa nas classes mais ricas, ao contrário, não há caso de morte na zona sul. No plano da verdade eu tenho certeza que estou correndo um risco mortal, mas no plano da realidade dos fatos não. A dengue é uma calamidade pública, mas podemos dizer com propriedade que aqui ninguém morrerá de dengue nos próximos anos. Isso não importa, temos a sensação que estamos morrendo de dengue.

Parece estranho, parece que essa verdade só atrapalha, mas se nos situamos nessa dimensão estaremos lidando com outra qualidade de certeza, que não tem muito a ver com os fatos, mas que não deixa de ser parte da vida e bastante forte. Por isso os loucos nos ajudam, porque eles estão inteiramente banhados nessa dimensão, até perdidos nela. Com essa distinção

de Lacan, ganhamos também uma forma de nos defendermos das tentativas de *biologização* do inconsciente. Tudo bem se alguém disser que o inconsciente tem uma base neuronal. Agora se na hora da clínica a experiência não for de verdade e d'A Verdade, essa descoberta neuronal só serviu para acabar com o que poderia fazer de interessante o psicanalista. É o projeto da **neuro-psicanálise**. Acabar com a dimensão da verdade reduzindo-a à dos fatos.

Nó de Significação ou Sobredeterminação (Überdeterminierung)

O signo é uma resposta, e o sintoma? Ele freqüentemente diz alguma coisa, pelo menos na forma em que estamos acostumados. Mas o que ele diz? Talvez a gente não precise exigir do sintoma que ele diga alguma coisa, isso é o que faz o signo. Para começar, ele diz que há verdade, mas não necessariamente qual é a verdade, ou não necessariamente uma e apenas uma verdade.

Na dimensão da verdade as coisas mudam de figura. Qual a significação do sintoma? Vamos entender significação, aqui, como um sentido e um somente, que seria a causa do sintoma. Se o sintoma tivesse uma significação ele se tornaria um signo. Por isso temos que pensá-lo não como uma verdade única, um conteúdo – o que não impede que na análise ele ganhe uma significação -, mas no nosso registro, se tudo ganhar um conteúdo encerra-se a psicanálise. Das duas uma: ou o sujeito está curado, ou ele saiu da experiência analítica. Quando um sujeito acaba a análise ele sai da dimensão analítica de uma maneira que não precisa mais voltar. Porém, no mais das vezes, se você não tem mais a dimensão da verdade como um espaço de múltiplas significações, parece que o inconsciente se fechou.

Por isso Lacan vai definir o sintoma, aproximando-o da palavra, como um "**nó de significação**".¹¹ É sua maneira de retomar o que Freud chama de sobredeterminação (*Überdeterminierung*). A famosa **sobredeterminação** de Freud consiste no fato de que para o sintoma nunca haverá única explicação, a explicação primeira.

Poderíamos dizer que isso também é válido no que se refere ao signo. Não seria isso dizer que a causa da esquizofrenia é multifatorial? Poderíamos transpor a idéia de multifatorialidade para a psicanálise? Não. Pois ela supõe que quando se descobrir as outras causas da esquizofrenia no futuro, teremos dado conta do sintoma, esgotado sua significação. O "**multifatorial**" diz algo como "*Ainda não conseguimos localizar todas as causas desse sintoma, mas algum dia isso será possível*". A medicina é cheia de termos para dizer isso: "idiopático", "essencial", são várias maneiras de falar de uma causalidade desconhecida que, no entanto, um dia se conhecerá.

Na psicanálise, porém, afirmamos que não se esgotará nunca as causas do sintoma. Podemos e devemos encontrar significações para ele, mas o que lhe é característico é justamente ser um nó. Ele é composto de significações, mais um **ponto cego** por elas formado. Ele guarda a verdade, que não poderá ser jamais revelada totalmente.¹²

Nas conferências "O sentido dos sintomas" e "As formações dos sintomas"¹³, Freud afirma que podemos encontrar o sentido dos sintomas. Tratando-o como verdade oculta e trazendo-o à tona o paciente ficará bom. No nosso entender que se encontre uma verdade do sintoma não significa que não

se possa encontrar outra e mais outra. Creio que já era uma revolução tão grande a passagem do signo ao sintoma que Freud não vai muito longe nisso. Então, a princípio, fica parecendo que não há muita diferença entre sintoma e signo, pois é como se ao conjunto de signos Freud tivesse apenas acrescentado uma causa a mais, uma causa subjetiva, inconsciente. Por isso que a psicanálise pôde fazer sucesso na medicina, porque parecia agir complementando-a. Têm-se as descrições dos aparelhos e acrescentou-se um aparelho a mais. Fez todo o sentido na época.

Foi exatamente o que permitiu que se decretasse que a psicanálise havia acabado porque tudo que ela havia trazido já houvera sido incorporado pela psiquiatria. Pode ser que a psicanálise acabe, mas não pela mão dos médicos que houvessem anexado a seu mapa mundi o continente do inconsciente. É muito fácil ver que, mesmo nesta conferência Freud não esgota os sentidos do sintoma. Seu primeiro exemplo consiste em um ritual obsessivo. A paciente ficava indo da sala a cozinha sem parar. Ele mostra que isso remonta a uma outra cena - a cena em que ela e o marido se casaram e ele havia ficado impotente e ficara indo e vindo entre seu quarto e o de sua mulher toda a noite de núpcias. Essa é a primeira significação. A seguir ele a conecta a outra, a de que o marido havia jogado tinta vermelha no lençol para provar sua potência e que sua paciente agora ia e vinha da cozinha para demonstrar que a mancha não poderia ser colocada em dúvida, que estava no lugar certo, donde seu marido era, pelo sintoma, demonstrado potente. Segundo sentido. Ainda há mais um ou dois. Freud insiste nos detalhes, as conexões são mais ou menos estabelecidas pela própria paciente, isso cria toda uma hierarquia dos sentidos descobertos, mas não é o bastante para explicar porque e o que faz ele parar. Freud vai encontrando uma significação a mais e uma hora ele se satisfaz e diz: aqui já é o suficiente. Quando? Por quê?

Sempre aparece algo sexual nesse momento. Freud é explícito neste ponto. E em geral o sexual cai como uma mosca na sopa. O sexual acaba sendo a última significação. É o que destaca Lacan na "Conferência de Genebra sobre o Sintoma". O importante no sintoma é sua relação com a "**realidade sexual**" do inconsciente.¹⁴ Isso, porém, não quer dizer que acabou o nó. Quer dizer que, dadas as significações alguma coisa veio fazer o papel de ponto cego. O sexual é isso.

O jogo das significações não esgota sintoma, mas isso também não quer dizer que se vai ao infinito buscando mais significações sem parar. As significações remetem sempre a algo da sexualidade infantil, afirma Freud. Com Lacan vamos radicalizar: entenda-se por "sexualidade infantil" não exatamente coisas que aconteceram e que foram reprimidas e que por isso estão no fundo do sintoma, mas sim que o sexo é sempre um furo na significação e que por isso encontramos sempre algo da sexualidade no fundo do sintoma. O que dizemos aqui é que resolve-se algo não porque encontrou-se a significação, mas porque encontrou-se o impossível de se explicar.

O próprio Freud situa esta montagem de um nó a partir do sonho. Buscamos as associações do sonho e sempre chegamos ao que Freud chama de *umbigo*. Ele diz em *A interpretação dos sonhos* que o **umbigo do sonho** é o ponto de parada de todas as associações.¹⁵ Ou seja, explica-se o sonho de

várias formas até que se chega um dado momento que não dá mais. Mais do que ser o limite para as associações, como o signo da impotência do decifrador, o umbigo dos sonhos deve ser deixado como tal. É quase como se ele fosse o ponto de onde elas brotam. O que precipita essa parada não é uma significação é uma ausência dela, um impossível, isso que nós estamos chamando de sexual. Se o Freud acaba se satisfazendo quando a associação chega a algo de sexual¹⁶ é porque aí reside o ponto cego.

Sexo como ponto cego? Sim, é isso mesmo. Se há alguma área da experiência humana em que ficamos mais perdidos que cego em tiroteio é no sexo. Por isso mesmo é que chovem manuais e prescrições quando se trata do encontro com o mais íntimo do parceiro. Entendamos o sexual, então como algo ilegível, opaco, vazio de significação. Dessa forma, como o umbigo do sonho, ele é um furo.

O mais importante é pensar que apesar de opaco, ele não será ponto de enigma e incerteza, é ele que pode produzir nossa certeza de que ali se chegou a alguma coisa decisiva. A conjunção entre a rede de significações e o sexual opaco que ela aprisiona assinala o modo singular que alguém usou para articular um pouco de sentido àquilo que, na vida humana, não tem.

Por isso Lacan diz o que devemos fazer com sintoma "**tratar ao pé da Letra**"¹⁷. Procurar as coisas que estão nele em torno de seu centro negro em vez de procurar a sua verdade última. Lacan nos obriga a inverter o pensamento habitual. O senso comum diz que existem coisas obscuras que devem ser desemaranhadas para serem esclarecidas. A psicanálise pegaria esse emaranhado e o desemaranharia para fazer algo com ele sem, porém, em nenhum momento acabar com a obscuridade.

Amor, verdade e gozo

O sexual como furo? A realidade sexual do inconsciente como sem significação? Mas o sexo não é um encontro de corpos com comportamentos previstos inclusive em nossos genes?

É bem verdade que colocar o furo, o sexual como indizível, etc, parece nos aproximar de algo meio místico. É por isso que puxamos a carta dos gens. Lacan, porém, não deixa a verdade no campo do silêncio e da revelação mística. Isso tiraria tudo o que a psicanálise tem de "ciência" no dizer de Freud. Lacan não supõe que isto significa que ela é um continente a mais da medicina, mas sim que ela é materialista e não espiritualista. O científico da psicanálise para Lacan, seu aspecto materialista e nada espiritual será centrado no fato que ela é uma experiência de **fala** e não de vivências do além. É uma experiência de fala que produz o sentimento da verdade. A verdade é uma experiência de fala.

Isso é difícil de entender, pois estamos tanto dizendo que há a verdade para além das significações quanto que ela só existe no campo da fala. A verdade é uma experiência cultural? Está muito bem colocado na conferência sobre o símbolo. A fala é o quê? A fala não é necessariamente uma linguagem, uma troca de sinais que produz efeitos. A fala envolve outra coisa além da experiência dos signos e sinais, uma experiência de verdade. É como se diz em antropologia: os sujeitos se constituem na fala, a fala é algo que produz gente e não apenas comunicação. Então o essencial da fala é a produção desse algo

a mais. Esse é o fundamento da fala humana, tão esquecido hoje em que a fala é proposta apenas como comunicação e como se o resto não existisse.¹⁸

Tendemos acreditar hoje que só é verdade aquilo que é fato da ciência, que ela trata do *hardware*, enquanto que a experiência da fala seria apenas um verniz, *flatus vocis*, ventos que o homem tem necessidade de soltar por onde pode, até mesmo pela boca. O que realmente importaria, porém, é o que acontece com a serotonina.

Dessa forma continuamos a opor fala e ação, como se a fala fosse só falação. Tomemos a frase de Paulo Lins "falha a fala, fala a bala" está em *Cidade de Deus*.¹⁹ Todo mundo entende o quê? Quando a fala falhar vem a ação. Temos que escapar disso. A frase pode e deve ser entendida de outra maneira. Ela mesma já diz: quando falhar a fala verbal falará a fala da bala. São duas falas. **Ação e falação** são dois modos da ação humana e como toda ação humana eles são **fala**, são desde a origem, tomados em relações simbólicas. Posso até chamar algumas mais "primitivas" que outras, mas isso tem que ser colocado com todas as aspas porque o que defino como primitivo será apenas um certo ponto de vista e não uma maior proximidade do tal primitivo com o real/animal. Senão estaríamos autorizados a afirmar que o rap ou o hip hop seriam manifestações musicais primitivas, ou seja, mais próximas do macaco.

Estaríamos compactuando com uma certa degradação da humanidade se achássemos que na favela é pra dar tiro e aqui é para conversar. Vemos muita gente boa, lacanianos, falando algo do tipo "A **violência** explode quando não há simbólico". Mas a idéia do Lacan é que não há nada fora do simbólico. Quem estiver fora do simbólico está fora da humanidade ou mesmo da vida. Isso evita que retomemos velhos preconceitos eugênicos: os violentos seriam macacos ou mais próximos deles, ou os "cabeça" seriam mais humanos, ou mais evoluídos, divinos. Claro que temos que explicar por quê alguém dá tanto tiro e outro prefere conversar. Não estou dizendo que não se tenha que criar diferenças, mas sim que não devemos criá-las por aí. O mesmo vale para o que se diz do louco. Ele estaria fora da fala, não dialetizaria, estaria no gozo etc. São todas formas de dizer que ele está fora da comunidade humana. Se for preciso colocá-lo em um espaço radical, pois sua situação é radical, então devemos localizá-lo, como dizíamos anteriormente, como príncipe negativo. Assim ele está na comunidade humana, mesmo que como seu avesso. Ele pode até estar fora, mas estando fora ele o está como aquele que está fora para os de dentro. Com se vê existem muitas outras maneiras que não a desse positivismo eugenista laciano.

O melhor lugar para se ver a articulação entre fala e ato e o aspecto radical do que pode embutir a fala é a experiência amorosa. É uma das situações em que se menos tem verdades (no sentido de significações) e ao mesmo tempo nela se está sempre em contato com a certeza que brota da dimensão da verdade, isso que brota do encontro humano e que produz a certeza de que há uma verdade maior do que as verdades. Ela é uma experiência de fala, pois se não houvesse códigos e todo um contexto não haveria encontro. Ao mesmo tempo, nela, a realidade sexual do inconsciente está a flor da pele. Uma boa maneira de pensar isso é com a música do Chico Buarque, **Eu te amo**.

Basicamente a música descreve um encontro a tal ponto intenso na cama que os dois se “perdem”. *“Rompi com o mundo, queimei meus navios... me diz pra onde é que inda posso ir? Se nós, nas travessuras das noites eternas, já confundimos tanto as nossas pernas, diz com que pernas eu devo seguir!...”*. Representa mais do que uma sensação de fusão, do dois em Um. É a própria sensação de perda, até do corpo, ou seja do próprio Um. O que é isso senão aquilo que Freud encontra no final do caminho do percurso dos signos e das significações chamando de a realidade sexual? Isso que acontece na cama de Chico é a realidade sexual.

Lacan propõe o termo **gozo** para a “realidade sexual do inconsciente”. Isso que o Chico Buarque nos faz viver na cama é o gozo.

No momento em que se começa a mergulhar nessa experiência começa-se a perder os parâmetros do que é sim do que é não, o que é dor e o que é prazer. A isso chamamos de gozo, a realidade sexual do inconsciente. Se nós chamássemos de sexo poderíamos pensar que Chico está falando de um ato sexual. Não é exatamente isso: uma relação sexual costuma ter gozo, mas nem sempre e o gozo não precisa acontecer só no ato sexual.

Até aí tudo bem, o gozo é uma experiência de perda e que não é só atrelado à transa. O difícil, agora, é que precisamos aceitar, e o Chico ajuda muito, a idéia de que esse gozo seja incompatível com a vida. A música é angustiada dado que ele não sabe como retomar sua vida. *“Te dei meus olhos pra tomares conta Agora conta como hei de partir ” e “meu sangue errou de veia e se perdeu...”* trazem essa idéia de não ter como voltar. Então a realidade sexual do inconsciente, pode ser catastrófica, letal.

Ainda mais porque o sexual como perda de si acontece naquilo que chamamos agora há pouco da dimensão da verdade. No sexual em estamos em cheio nessa certeza violenta de que ali está a carne do mundo. É o que explica porque um drogadito possa se acabar para a vida por ter se mudado, de um jeito torto que seja, para essa dimensão.

A idéia é que estamos vivos porque sempre podemos ir e voltar. Há coisas que me ligam à realidade compartilhada de tal forma que posso ter um

Eu Te Amo

Chico Buarque

Ah, se já perdemos a noção da hora!
Se juntos já jogamos tudo fora,
me conta agora como hei de partir!
Ah! Se, ao te conhecer, dei pra sonhar,
fiz tantos desvarios,
rompi com o mundo, queimei meus navios...
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
se, na bagunça do teu coração,
Como? Se nos amamos feito dois pagãos,
teus seios ainda estão nas minhas mãos
me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás te fazendo de tonta,
te dei meus olhos pra tomares conta,
agora conta como hei de partir...

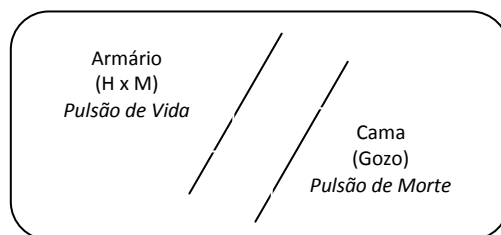
Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar,
fiz tantos desvarios
Rompi com o mundo, queimei meus navios
Me diz pra onde é que ainda posso ir
Se nós, nas travessuras das noites eternas
Já confundimos tanto as nossas pernas
Diz com que pernas eu devo seguir
Se entornaste a nossa sorte pelo chão
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu
Como, se na desordem do armário embutido
Teu paletó enlaça o meu vestido
E o teu sapato ainda pisa no meu
Como, se nos amamos feito dois pagãos

Meus seios ainda estão nas suas mãos
Me explica com que cara eu vou sair
Não, acho que estás só fazendo de conta
Te dei meus olhos pra tomares conta
Agora conta como hei de partir

gostinho da real sexual com passagem de volta. Ninguém fica perdido na cama, pois se ficar na cama morre. Mas como se vai e volta?

Sintoma montagem

"Como? Se na desordem do armário embutido meu paletó enlaça o teu vestido e o meu sapato ainda pisa no teu..." Isso não é uma reprodução do que ocorre na cama. Lá não há identidade, elas estão todas no armário. Os manuais de conduta, inclusive do que se deve fazer ou não fazer no sexo, estão todos lá. Esquemáticamente temos: **Armário** e **Cama** se opondo mediados por um espaço que nesta música é um fosso intransponível.



No armário embutido manda o que Freud chamou de pulsão de vida. É o império das identidades. Na cama, impera a pulsão no que ela é louca, desenfreada mortífera, vontade de mais e mais e mais, como diz Lacan em seu Seminário 20, *Encore...* O que chamamos habitualmente de vida é a articulação entre as duas dimensões. É preciso afastar todos os preconceitos: **pulsão de vida** na teoria freudiana nada tem a ver com o lado iluminado, do bem etc. Ela é morte se sozinha, puro armário cheio de roupas vazias. Já a **pulsão de morte** é vontade de tudo de novo, de eterno recomeço, que é pura destruição se não for atrelada aos objetos do armário.

Assim as duas são morte se dissociadas, enquanto que a nossa vida é feita da mistura das duas. Em outros termos é para ir para cama que usamos nossas roupas, mas se ficarmos na cama, nos perderemos das roupas e nada mais existirá. O importante é pensar como se articulam. A psicose nos ensina que é a **montagem** entre esses dois lados que é a questão e não, como pensa o neurótico, calcular quanto de cada um lado deve ser colocado a cada momento. O decisivo é não perder a articulação. É justamente a questão que coloca esse fosso.

Agora podemos chegar ao sintoma de outra forma. Se as roupas são as significações e a cama a realidade sexual, o furo da significação, a mágica do sintoma será conjugar os dois. Ainda não respondemos como, o que faz a ponte, nem quais são as coisas que vão aparecer nesse meio para fazer a conexão, mas já temos uma definição de sintoma que tanto é significação quanto é gozo. É o que propõe Jacques Alain Miller com base no último ensino de Lacan, especialmente seu Seminário 23, *O sintoma*. Ele chama esta concepção de "forclusão generalizada".²⁰ Na verdade é uma teoria do **sintoma generalizado**. Só um porém: chegamos a uma definição tão vasta de sintoma que passa a englobar quase tudo o que o homem faz.

Antes de abordar as dificuldades que esta concepção do sintoma levanta, vamos pensar em como ela resolve vários problemas. Não nos limitaremos mais a dizer que o sintoma é uma experiência de verdade.

Podemos manter essa definição, mas acrescentar que essa dimensão não existe sem as significações que a ela se atrelam, lhe dão lugar.

Quando Lacan dizendo que o sintoma é uma experiência de verdade, é porque a cada vez que se teve essa experiência da verdade algo do gozo fez seu aparecimento, ganhou lugar. Então gozo vai ser para gente esse algo que produz essas experiências de verdade. Sendo que se ele estiver nu produz simplesmente o caos.

O sintoma passa a ser um híbrido, feito de um *ser* (as significações dadas em uma história ao sexual) e um *não ser* (o sexual). Este não ser, aqui, porém, é bem mais excesso e presença que falta e ausência, o que nos ajuda bastante nos tempos que correm.

Vamos abordar o que faz a liga do sintoma na próxima vez, o essencial hoje é destacar este aspecto "aparelho" do sintoma. Vamos concluir com uma comentário entre a diferença do sintoma de ontem e o de hoje, pois isso vai nos dar um pouco mais de intimidade com a tese do sintoma generalizado.

A explosão dos sintomas

Uma palavra sobre a relação. A relação entre homem e mulher está definida aqui no armário, na cama não há relação. É o que diz a frase famosa de Lacan: **não há relação sexual**, apenas relação social. Então não há relação entre homem e mulher na cama porque lá não há homem nem mulher. Do mesmo modo não há relação minha com meu gozo que não seja uma construção. O armário é o espaço relacional que só se articula ao sexual por uma cola, uma construção. O Pai é o nome clássico dessa cola.

O que diríamos de um sujeito clássico? Ele diria algo como "Não sei como fazer essa ponte entre esses dois lados, mas imagino que alguém sabe e pode me ensinar ou me desmascarar se finjo que sei." Esse é o Pai. "**Pai**" em termos freudianos e "Nome-do-pai" em termos lacanianos, nada mais são do que a crença de que alguém em algum lugar vai explicar isso. Ele teria a verdade da relação. **Falo** seria o nome conceitual para os representantes terrenos deste seu saber sobre a relação.

Há uma diferença entre o **sintoma clássico** e esse nosso sintoma. Dizer nos dias de hoje que o sintoma é uma verdade encarcerada não faz sentido porque ninguém mais liga para a verdade. Isso teve efeitos sobre o sintoma. Ele hoje funciona de outra maneira. O sintoma clássico ocorria quando a crença no Pai e na validade das roupas por ele oferecidas não dava conta. Algo do gozo sobrava, não entrava totalmente nas roupas. Então o sintoma nesse esquema era uma objeção colocada ao Pai. Isso acontecia culturalmente, por exemplo na adolescência, em que as coisas se desencaixavam, mas havia ritos de iniciação que compensavam essa perturbação.

Imaginem o sintoma hoje se você esvazia um pouco a hipótese Pai. O único modo de garantir a relação é se as roupas passarem a vestir o sexual de maneira bem mais fixa. Ninguém mais tira a roupa, pois se o fizer perde-se totalmente. Não é isso que a gente diz a respeito do sintoma, que ele está virando **traço identitário**? Eu *sou* um compulsivo sexual, ou sou *alcoolista*, ou seja, minha roupa é meu gozo. Então vou me comportar de tal forma em todo lugar a partir desse sintoma. É como se jogasse para cima da cama um monte de roupas fixas.

O que é a **redução de danos** se não isso? Ninguém mais propõe acabar com o sintoma já que se acabarmos com ele não sobra mais nada. Em outras palavras. Se você é louco, continue louco, apenas não atrapalhe a ordem pública. Se você é drogado pode continuar, mas sem se matar. Na pior das hipóteses renuncie ao comportamento, mas não renuncie à identidade que o comportamento lhe deu. Hoje encontram-se alcoolistas que nunca beberam, mantendo a identidade sem o comportamento. Tudo isso faz com que, os Estados Unidos, os USA, que são sempre nosso paradigma para a pós-modernidade, possam ser chamados por J. A. Miller, de *United Symptoms of América*.

Vale a pena falar do sintoma hoje porque todo mundo fala dele. Esse sexual, esse gozo excedente que anteriormente ficava escondido hoje vira identidade, uma referência. O que são, por exemplo, as comunidades do **Orkut** se não uma espécie de reunião pelo sintoma? "Eu sou daqueles que pensam com a geladeira aberta" é um ótimo exemplo. Esse comportamento antigamente não servia para nada ("o que não serve para nada" é a definição de gozo para Lacan que figura na abertura do Seminário 20), era algo vazio de significado. Era um sintoma. Hoje isso é um sintoma, mas agora o sintoma faz conexão, ou seja, isso que classicamente era lateral é tornado central em uma identidade. Pensem no senhor clássico, se ele se pegasse de boca aberta para a geladeira aberta não falaria sobre isso.

O que fazia a psicanálise? Ela buscava esses sintomas e os desemaranhava para que eles mostrassem um pouco de seu gozo. Fazendo isso eles permitiam que se afrouxasse as rígidas roupas que eram impostas pelo modelito paterno. Mas o rígido de ontem nem se compara com o rígido de hoje. O único espaço de manobra de hoje é a montagem customizada de uma série de sintomas. É só olhar a lista de comunidades de meu Orkut, ela diz quem sou. Isso parece bem plástico, mas a cada comunidade só posso ser aquilo que todos são. Num grupo de AA não posso ser único em meu modo de beber, apenas encontrar-me com um modo de beber únicos, o do alcoolista, inclusive não me é permitido falar de nada além de bebida.

Podemos examinar o efeito disto tudo na própria psicose. Se nos tempos em que o Pai diminui temos que nos agarrar fixamente a uma identidade porque é a única coisa que nos resta, a psicose aqui nada de braçada. Afinal ela nunca teve a crença no pai como opção e sempre teve que dar duro para colar uma identidade no gozo com uma margem de manobra suficiente para improvisar diante das inúmeras situações da vida. O problema clássico da psicose é que sua identidade, a do delírio, tendia a ser muito rígida. O problema do **paranóico**, por exemplo, não é que ele tem uma personalidade fraca. Pelo contrário, ela é tão forte que nada a abala, mas é preciso matar ou morrer para mantê-la. Dessa forma, aproximar da paranóia o pânico dos americanos com os terroristas é bem justificado.

Por isso que psicanálise escolheu aprender com a psicose sobre um mundo onde o gozo tem que virar identidade. Pensem a loucura não é a perda da razão, mas a construção de uma própria razão. Voltamos a definição de Lacan inicial quando ele diz "renunciou a se fazer reconhecer". Essa fala não precisa ser autenticada pelo coletivo.

Último ponto: Apesar de o sintoma hoje em dia estar como uma verdade amordaçada, ainda é possível produzir um furo. Temos chamado isso de **singularização do sintoma**. Você sai do depressivo para o triste. Desde que isso seja feito numa situação controlada que é uma análise, pode-se suportar um pouco de angústia. Nem sempre é fácil, mas o importante é destacar que isso pode ser feito por outro caminho que pelo o do *não-ser*. É justamente este espaço da falta a ser que talvez se abra caso possamos agir sobre o sintoma. O sintoma é feito de gozo, mas sempre com um pouco de palavra (roupa). Apoiando-nos nela, no que a palavra tem de ambigüidade que evoca algo mais podemos, com um pouco de sorte abrir o sintoma e seu "portador", para a dimensão da verdade.

Até a próxima.

¹ Publicado em *Arteira, revista de psicanálise n. 1*, Florianópolis, EBP-SC, 2008.

² Seria preciso distinguir o uso matemático ou matematizado do vazio, que não apela para uma metafísica do negativo, de seu uso metafórico. Refiro-me aqui apenas a este último. Lacan estava bem atento aos perigos a um uso exclusivamente metafórico do vazio, que poderia conduzir a uma teologia do inconsciente como saber revelado, incognoscível, pura mística da Presença (cf., por exemplo, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 358).

³ "O sintoma – esse é o dado fundamental da experiência analítica - define-se, nesse contexto, como representante da verdade" Lacan, J. (1969 [1986]). "Nota sobre a criança", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 369.

⁴ Cf. Lacan, J. O Seminário, livro 3, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 180. Alexandre Koyré destaca, com Paracelso, uma época que, como a nossa, funciona no registro de um "tudo é possível" quando a transmutação dos metais, entre mil e uma estripulias da substância vital do universo era uma realidade. Somente a partir do modo como a ciência moderna passou a abordar a natureza algumas coisas passaram a ser possíveis, outras não. Segundo Koyré, chegamos ao *não-ser* a partir do *não-poder* e não o contrário. Hoje estamos novamente em tempos como os de Paracelso. Só que, em uma irônica inversão, é a própria ciência, a mesma que veio instaurar o impossível no mundo, que passa a trazer a ele novamente a idéia de um "tudo é possível" (cf. Koyré, A. *Paracelse*, Paris, Allia, 2004, p. 63 e 35).

⁵ <http://www.mental-nls.com/> Qualquer número desta publicação já dá uma idéia daquilo a que me refiro, mas no n. 16. a política do sintoma é explicitamente tematizada.

⁶ Lacan, J. "Função e campo da fala e da linguagem", *Escritos*, Rio de Janeiro, 1998, p. 281. Não vamos desdobrar o tema do reconhecimento, mas não esqueçamos o quanto para Lacan nesta época ele remete a afirmar-se, se fazer existir a partir do Outro.

⁷ In: LACAN, Jacques. *O Mito Individual do Neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: JZE, 2008.

⁸ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

⁹ Lacan, J. "Radiofonia", *Outros Escritos*, p. 412 e "Do sujeito enfim em questão", *Escritos*, p. 235.

¹⁰ "Do sujeito enfim em questão", *Escritos*, p. 235.

¹¹ "A palavra [*mot*] não é signo, mas nó de significação" LACAN, J. "Formulações sobre a Causalidade Psíquica", *Escritos*, Rio de Janeiro: JZE, 1998 pag. 167. Nesta passagem ele se refere à palavra, mas adiante (p. 235) ele equipara sintoma e palavra, o que nos permite a aproximação, finalmente ele afirma que a sobredeterminação freudiana é um nó (p. 270).

¹² Nunca saberemos todas as causas ou, em termos de Lacan, a causa estará sempre em ruptura com a significação, ou ainda a causa é o objeto *a* (cf. Lacan, J. O Seminário livro 10, a angústia, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 310).

¹³ FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro; Imago, 1996. Vols. XVI e XVI.

¹⁴ LACAN, Jacques. "Conferência de Genebra sobre o sintoma". Em: *Opção Lacaniana*, n.º 23. São Paulo: Eólia, dezembro de 1998, p. 13.

¹⁵ "Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta ao nosso conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido" FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro; Imago, 1996. Vol. V. pag. 556.

¹⁶ Isso é congruente com a fama de que para Freud tudo é sexual. Alguns, muitos, tomaram isso como se o ponto cego do sexual fosse causado pela repressão, como se um dia fosse possível nos desreprimirmos. Para Lacan havendo ou não repressão haverá ainda assim um ponto cego, por ser ele constitutivo. Tudo que for o umbigo do sonho será sexual e não o contrário.

¹⁷ Lacan. J. "Situação da psicanálise em 56", *Escritos*, Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 470. Ele vai mais longe e propõe que até mesmo na psicose isso seja possível e necessário: "Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta - o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada" LACAN, J. *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: JZE. 2002. Pag. 235.

¹⁸ In: LACAN, Jacques. *O Mito Individual do Neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: JZE, 2008, p. 62.

¹⁹ "Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado. (...) Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase-palavra é defecada ao invés de falada. Falha a fala, fala a bala" (Lins, Paulo. *Cidade de Deus*, São Paulo, Cia.das Letras, 1997, p. 21).

²⁰ Cf. Cf. Miller, J. A. "Esquizofrenia y paranoia", *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985; "Clínica irônica", *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d'Archachon*, Paris, Seuil, 1998. Para o que desenvolvemos sobre o sintoma: Miller, J. A. "Teoria do parceiro", *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.